



**XVIII ENANPUR**  
NATAL 2019  
27 a 31 maio

## **ITINERÁRIO CULTURAL “CAMINHOS PARA OS ERVAIS” UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

### **Autores:**

Carlos Busón Buesa - UEMS/PPGDRS - [cbuson@gmail.com](mailto:cbuson@gmail.com)

Carlos Otávio Zamberlan - UEMS/PPGDRS - [otaviozamberlan@gmail.com](mailto:otaviozamberlan@gmail.com)

Claudia Maria Sonaglio - UEMS/PPGDRS - [claudia.sonaglio@gmail.com](mailto:claudia.sonaglio@gmail.com)

Cristiane de Matos Balsalobre - UEMS/Ciências Econômicas - [crisbalsalobre6@gmail.com](mailto:crisbalsalobre6@gmail.com)

### **Resumo:**

Os itinerários culturais, ao dinamizar o território, são tidos como alternativas para fomentar o desenvolvimento, em especial pelo resgate cultural por estes proporcionado. Entende-se que o elemento cultura é visto também como um bem que pode ser utilizado no saneamento de problemas socioeconômicos dos territórios. Assim, este estudo apresenta uma proposta de itinerário cultural para a franja de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul. Uma região marcada fortemente pela cultura da erva mate, pela interação entre etnias e múltiplas culturas. O trajeto apresentado se mostra presente nos documentos históricos como importante via de acesso ao longo do processo de formação histórico econômica da região. Atualmente, o que se observa na área de abrangência deste itinerário é uma heterogeneidade econômica com predominância de baixo desenvolvimento e pobreza.

# **ITINERÁRIO CULTURAL “CAMINHOS PARA OS ERVAIS”**

## **UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

### **ST 16 - CIDADE, HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA**

#### **RESUMO**

Os itinerários culturais, ao dinamizar o território, são tidos como alternativas para fomentar o desenvolvimento, em especial pelo resgate cultural por estes proporcionado. Entende-se que o elemento cultura é visto também como um bem que pode ser utilizado no saneamento de problemas socioeconômicos dos territórios. Assim, este estudo apresenta uma proposta de itinerário cultural para a franja de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul. Uma região marcada fortemente pela cultura da erva mate, pela interação entre etnias e múltiplas culturas. O trajeto apresentado se mostra presente nos documentos históricos como importante via de acesso ao longo do processo de formação histórico econômica da região. Atualmente, o que se observa na área de abrangência deste itinerário é uma heterogeneidade econômica com predominância de baixo desenvolvimento e pobreza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Itinerários Culturais; Desenvolvimento Regional; Identidade; Erva Mate

#### **INTRODUÇÃO**

A preocupação com os itinerários culturais tem ganhado destaque na atualidade, tendo em vista a geração de dinâmicas nos territórios envolvidos que promovem a implementação de valor dos bens patrimoniais, a criação da identidade local e do desenvolvimento sustentável baseado na promoção e comercialização de recursos endógenos territoriais. De acordo com o 2º relatório mundial da UNESCO (2009) sobre diversidade cultural, o desenvolvimento dentro de uma perspectiva cultural e numa visão do mundo industrializado está dentro de uma relação causal entre cultura e subdesenvolvimento, isto é, entre valores ocidentais e resultados econômicos positivos. Todavia, essa construção do que se entende por desenvolvimento passa a ser questionada frente a um construto mais amplo sobre o mesmo tema, onde se busca considerar os fatores

sociais e culturais, assim como a participação da comunidade nos processos de preparação e execução dos projetos econômicos inferindo a todos uma parcela dos resultados.

Dentro dessa perspectiva é que se torna importante o conceito de Itinerário cultural como um elemento que decorre do intercâmbio de culturas e da formação de diversidade, onde sua concretização pressupõe a participação ativa das comunidades dispostas na localidade com conseqüente usufruto de parcela dos resultados socioeconômicos vindouros de seu funcionamento. Frente a isso, o Itinerário cultural transforma-se em um bem cultural, um patrimônio da comunidade que gera identidade regional e engajamento da população com o território.

Os Itinerários Culturais engajam a comunidade por se tornarem representação de suas trajetórias de formação socioeconômicas, que tornam evidentes seus valores sociais e culturais. Entende-se que os itinerários culturais são produtos culturais territoriais originados por processos históricos de trocas que atualmente pode ser usado como produtos turísticos de qualidade. Estes são vias de comunicação que servem para conectar e transformar as culturas dos povos por onde passa o trajeto. Nesse espaço é possível observar ao longo do tempo as transformações promovidas por essa rota que conecta territórios, unidos ao redor de um tema cultural comum.

Na definição da Carta do ICOMOS:

“Um itinerário cultural é uma via de comunicação terrestre, aquática, mista ou outra, fisicamente determinada e caracterizada por ter dinâmicas e funcionalidades históricas próprias, manifestas em contínuas trocas multidimensionais e recíprocas de pessoas, bens, ideias, conhecimentos e valores. Dentro de um país ou entre vários países e regiões durante um período de tempo significativo. Os itinerários culturais geraram uma fertilização intercultural das culturas no tempo e no espaço, o que se reflete tanto no patrimônio tangível quanto no intangível” (ICOMOS, p.3, 2008).

Ressalta-se que o objetivo de um Itinerário cultural não é desenvolver uma rota turística. Seu escopo vai além, trata-se de um recurso para o desenvolvimento social e econômico, respeitando a autenticidade e integridade, fatores estes determinantes para sua denominação, conservação e sentido histórico. Isto fica explícito na definição apresentada acima, pois percebe-se maior preocupação em coletar os aspectos culturais e territoriais do que nos fatores relacionados ao turismo. Portanto, é necessário distinguir entre itinerários culturais que se baseiam em processos históricos que deram frutos em elementos patrimoniais, enquadrados em uma estrada ou rota física, e rotas turístico-culturais que podem tirar proveito desses elementos físicos ou serem projetados com base na existência de um tema cultural comum.

Como destacam Garrido, Sánchez e Enríquez (2015) os itinerários não podem ser criados como produtos turísticos baseados em uma decisão política ou comercial, estes só

podem ser usados como recursos turísticos para projetar um produto se ele foi originado por diversas relações antrópicas e perdurou no tempo.

Apesar de ser considerada bastante rígida na sua definição, pois foca os itinerários culturais como um meio de comunicação caracterizado por funcionalidade sendo resultado de movimentos interativos de pessoas em um sistema dinâmico de relações históricas de bens e fatores culturais associados à sua existência, a Carta do ICOMOS (2008) também apresenta os mecanismos fundamentais para desenvolver o conhecimento, a valorização, a proteção, a conservação e a gestão dos Itinerários culturais. Além disto, define as orientações, os princípios e os critérios principais para uma correta utilização dos Itinerários culturais.

Destaca-se que o aspecto mais importante de um itinerário, é que este se baseia em uma via de comunicação entre povos; um espaço de intercambio de culturas que ocorre (u) ao longo da história, de forma intencional ou acidental, violenta ou pacífica, consentida ou forçada pela pressão das épocas.

Em específico, no caso do “itinerário cultural - Caminho para os Ervais” objeto de análise deste estudo, este serviu ao longo dos séculos como via de entrada às novas culturas, algumas vezes oriundas do Norte e em outras do Sul. Esta proposta de itinerário cultural se localiza na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, especificamente nos limites do estado do Mato Grosso do Sul com os departamentos de *Amambay* no Oeste e *Canindeyú* ao Sul.

Na Figura 1, observa-se a área de influência do itinerário que abarca um conjunto de 28 municípios do estado do MS. Região que de acordo com os dados censitários abriga 761.349 habitantes em um território de 87.255 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

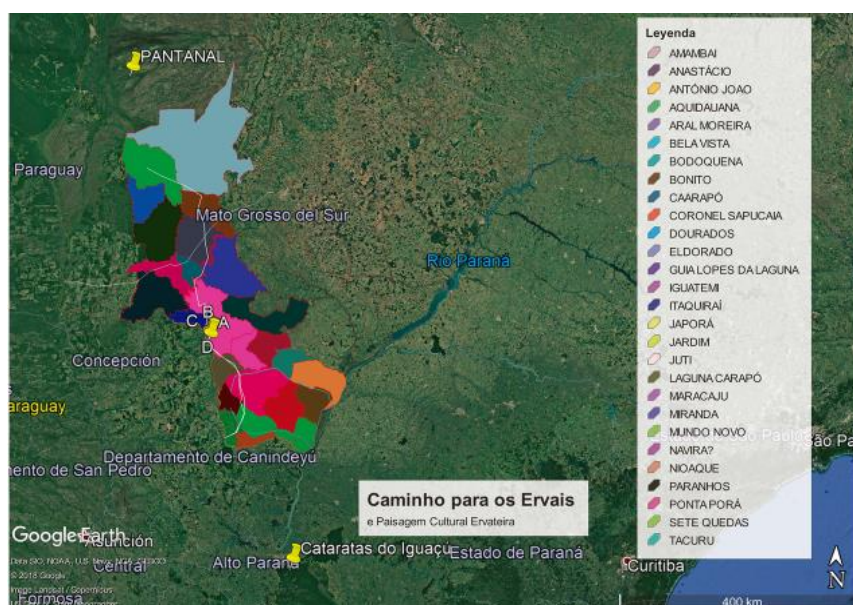


Figura 1- Área de abrangência do itinerário cultural Caminho para os Ervais.

Fonte: Google Earth e elaboração própria

A título de comparação, a dimensão (Norte-Sul) desta área equivale quase a totalidade do tamanho de Portugal. Apesar da amplitude, esta região registra uma densidade populacional de 8,7 pessoas por km<sup>2</sup>. Uma taxa extremamente baixa, com concentração primordial em área urbana. O que se reflete em limitações em termos de infraestrutura local.

O objetivo deste estudo é apresentar a proposta de criação, em concordância com a metodologia indicada na Carta do ICOMOS, de um itinerário cultural denominado “Caminho para os Ervais”, como mecanismo de desenvolvimento regional para a franja de fronteira de MS. Um espaço economicamente deprimido, porém com potencial histórico que possibilita a criação deste itinerário. A metodologia empregada é pesquisa documental para o resgate histórico, seguida de uma análise descritiva e exploratória dos dados socioeconômicos do espaço em questão.

Este estudo está dividido em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. Na segunda seção apresenta-se uma breve discussão sobre itinerários culturais, seguido de um resgate histórico da autenticidade do trajeto proposto. A quarta seção mostra um sucinto diagnóstico socioeconômico da região de abrangência do itinerário e, por fim, apresenta-se as considerações finais.

## BREVES DISCUSSÕES SOBRE ITINERÁRIOS CULTURAIS

Segundo a Carta dos Itinerários culturais elaborada pelo Comitê Científico Internacional dos Itinerários culturais do ICOMOS de 2008, um projeto de itinerário cultural deve ter uma ampla base científica, com estudos aprofundados de todo os elementos que o compõem, desde a rota em si, bem como todos aqueles elementos patrimoniais tangíveis ou intangíveis. Além disto, é preciso explorar como estes se relacionam.

Ao abarcar períodos de tempo muito longos se faz necessário uma série de estudos transversais que permitam conhecer os detalhes destes intercâmbios no tempo. Os Itinerários culturais são um processo para entender uma narrativa espacial no tempo. Por isso, deve-se ter em conta a natureza dinâmica dos sítios, o patrimônio tangível e intangível e as paisagens.

Segundo o manual dos *Conceptos Teóricos de Rutas Culturales*, do projeto V.E.R.N.E. (“*Vocational Education for European Routes Networks*”) do Instituto *Europeo de Itinerarios Culturales (IEIC)*, da União Européia, basicamente existem cinco ações prioritárias que devem ser levadas em conta para o desenvolvimento de um projeto de itinerário cultural:

1 – Definição do tópico, ou seja, a definição do itinerário em si;

2 – Identificação dos elementos patrimoniais; uma fase de trabalho intenso de pesquisa sobre o terreno, identificando os elementos históricos, ambientais e sociais, tangíveis e intangíveis. Nesta etapa se faz necessário o trabalho conjunto de pesquisadores em equipes interdisciplinares.

3 – Criação de uma rede, com estatuto legal; se fará necessário elaborar entre os diferentes atores (centros de pesquisa, universidades, secretarias de estado e municipais, entre outros) uma rede para troca de informação, a fim de programar as ações para a conservação e promoção do itinerário.

4 – Criação de uma ação comum; a rede criada deverá desenvolver as estratégias de ação para defender a candidatura do itinerário a organismos como a UNESCO.

5 – Criação de uma visibilidade comum; neste estágio são demandados trabalhos de sensibilização e formação dos elementos do Itinerário. A marca desse caminho o que lhe dará sua identidade própria frente a outros lugares, ou seja, um selo de autenticidade.

Existem vários tipos de itinerários, como é possível visualizar na Tabela 1. A classificação apresentada segue o *Guía Metodológica Para La Elaboración De Itinerarios Culturales*, da AICS - Agencia Italiana per la Cooperazione allo Sviluppo , 2016.

TIPO DE ITINERARIOS CULTURAI					
POR SUA DIMENSAO TERRITORIAL	POR SUA DIMENSAO CULTURAL	POR SEU OBJETIVO OU FUNCAO	POR SU DURACAO TEMPORAL	POR SUA CONFIGURACAO ESPACIAL	POR SEU MARCO GEOGRAFICO
- Local	- dentro de uma região cultural determinada	- social	- Em uso	- Lineal	- Terrestres
- Regional		- econômico	- Em desuso	- Cinturão	- Aquáticos
- Nacional	- Ao longo de diversas áreas culturais que comportam um processo de influencias	- político		- Cruciforme	- Mistos
- Continental		- cultural		- Em rede	
- Intercontinental		- espiritual			
		(Multidimensional:			

Tabela 1 – Tipos de Itinerários culturais

Fonte: AICS (2016, p.11)

Em seus diferentes tipos, de acordo com as recomendações do ICOMOS (2008) um Itinerário cultural deve ter como elementos definidores os seguintes:

1. Contexto: os Itinerários culturais inscrevem-se num contexto natural e/ou cultural, no qual incidem, contribuindo para a sua caracterização e enriquecimento com novas dimensões, no quadro de um processo interativo.



2. Conteúdo: devem apoiar-se necessariamente sobre os elementos patrimoniais tangíveis que constituem os testemunhos e a confirmação física da sua existência. Os elementos intangíveis dão ao conjunto dos elementos concretos, um sentido e uma significação.

3. Valor de conjunto partilhado: o conceito de Itinerário cultural refere-se a um conjunto de valor superior à soma dos elementos que o constituem e que lhe dão sentido.

4. Caráter dinâmico: para além de se afirmar através de um traçado histórico de caráter físico e de elementos patrimoniais, os Itinerários culturais implicam um fator de dinamismo que age como um fio condutor através do qual agiram as influências culturais recíprocas.

5. Meio: o Itinerário cultural está estreitamente ligado ao seu meio, do qual faz parte integrante.

Carreño (2010) corrobora a discussão e recomenda uma série de passos para a elaboração de estudos a fim de promover os itinerários culturais, apresentados no Quadro 1.

Deve ser projetado:

- Reconstruir cientificamente o itinerário completo da rota; identificação e pesquisa sobre o assunto.
- Fazer um inventário de elementos patrimoniais tangíveis e intangíveis, atores sociais e potencialidades.
- Fazer uma divulgação científica, académica, institucional e social do conteúdo, significado e abrangência do projeto, bem como os resultados de suas sucessivas fases.
- Educar para a conservação (escolas-oficinas, programas em diferentes níveis educacionais).
- Implementar a conservação, proteção legal e restauração de sítios, património cultural e natural.
- Realizar planos de desenvolvimento integral e sustentável e programas de promoção cultural, social e económica; ambos com participação das populações envolvidas.

Os benefícios que devem ser alcançados incluem os seguintes aspectos:

- Conservação e valorização do património cultural e natural do corredor histórico eco-cultural.
- Incentivar o estudo e pesquisa dos diversos períodos históricos dos territórios envolvidos pré-colonial, colonial e pós-colonial.
- Desenvolver estudos sobre o efeito sobre os recursos naturais e culturais da época, e promover a preservação dos recursos naturais e históricos remanescentes.
- Promoção do intercâmbio de informações culturais, científicas e técnicas entre os países e regiões integrados na rota cultural.
- Promoção do crescimento económico em nível local sustentável, bem como estímulo ao desenvolvimento da comunidade.
- Promoção do turismo cultural nacional e internacional sensível à conservação.
- Promoção de programas de investimento no corredor histórico. Infraestruturas que melhorem a qualidade de vida dos cidadãos que residem nos mesmos.
- Promoção e entendimento fortalecendo, laços formais e cooperação entre todos os municípios e regiões representados no itinerário.

Quadro 1 – Passos para propostas de Itinerários culturais

Fonte: adaptado de Carreño (2010)

Além destes guias metodológicos, é possível se espelhar em projetos mais amplos, a exemplo do Caminho Real Intercontinental, do Caminho de Santiago (Europa), do Caminhos do Incas (Andes). Estes são modelos difundidos que visam à preservação cultural, mediante o conhecimento compartilhado.

Agora qual o motivo em se falar de projeto de criação ou revitalização de um itinerário cultural? Pois bem, porque eles são promotores, de certa forma, do desenvolvimento dos territórios. Quando se fala em desenvolvimento o elemento cultura é visto também como um bem que pode ser utilizado no saneamento de problemas socioeconômicos dos territórios, como se observa no Relatório mundial da UNESCO (2009). Fischer (2012), também salienta a cultura, e principalmente a diversidade cultural de um país, como sendo um de seus grandes ativos, por fazerem parte da constituição do patrimônio, nesse caso entendido por Silva (2000) dentro de uma ideia de posse, de algo de valor atribuído por um indivíduo ou sociedade.

Para o autor, cultura como patrimônio enseja o valor atribuído pelos seres humanos ao legado material e imaterial do passado, que muitas vezes é escolhido por um grupo local como herança, deixando muitos elementos da cultura renegados e que podem ser vistos como algo de valor por outros coletivos humanos, que estão em outras localidades. O valor embutido na cultura, ou no patrimônio cultural, é um apreço atribuído numa determinada circunstância histórica pautado por um quadro de referência de um indivíduo ou sociedade.

Os itinerários culturais, nesse contexto, e por suas características de encontro e intercâmbio de culturas, por si, possuem um patrimônio, que em muito pode estar perdido na história, mas que possui valor e que pode ser canalizado para o saneamento de problemas estruturais de um ou vários territórios e, com isso, impactando em certa medida no desenvolvimento territorial. Nesse tocante os itinerários culturais são verdadeiros depósitos de elementos patrimoniais que podem ser utilizados para diferentes coletivos humanos e com distintos valores a eles atribuídos. E esses, alicerçados nas próprias distinções de gostos desses coletivos, que são propalados pelo intelecto, pela cultura e pelos elementos psicológicos de formação dos indivíduos.

Salvaguardar e valorizar o patrimônio e sua integração nos processos de desenvolvimento territorial é algo primordial, conforme aponta Carvalho (2005/2006). Para o autor, o valor do patrimônio está dividido em três grupos, o econômico, o artístico ou estético e o cognitivo ou de memória. O valor econômico consiste em mensurar economicamente os bens patrimoniais, mesmo que de forma subjetiva e que está associada aos interesses de agentes de produção do espaço físico, que conforme Carvalho (2005/2006), esses agentes são pouco sensíveis aos valores imateriais do patrimônio. Também, segundo Flores (1998), a indústria do turismo cultural adiciona uma nova perspectiva de valor econômico ao patrimônio cultural, extrínseca, mas por ele gerada. O autor ainda salienta que dentro dessa nova perspectiva de valor econômico os habitantes dos centros históricos urbanos e de núcleos rurais podem retirar ganhos e mudar situação socioeconômica de desfavorável em que se encontram.

Carvalho (2005/2006) aponta que o valor artístico ou estético é característica pertencente ao bem patrimonial arquitetônico ou arqueológico relacionados com a



apreciação do bem ao longo do tempo (legado da antiguidade, vestígios do passado, etc.) Flores (1998) traz o valor arquitetônico como aquele que demonstra a arquitetura ao longo dos séculos, como os vestígios do Império romano, mas esse conceito se alarga com o passar dos anos e a partir do século XX passa a considerar arquiteturas menores como as vernáculas.

Seguindo o mesmo autor, o valor cognitivo ou de memória de um bem patrimonial sugere que este tem a qualidade de configurar o imaginário de um indivíduo ou do coletivo atuando como gerador de imagens e da identidade territorial. Este vem da definição de monumento, que nasce do vocábulo latino Monumentum, que deriva de Monere, aquilo que interpela memória. Estes bens tem a perspectiva de transmitir, fatos, mitos, crenças, que se pretende legar as futuras gerações e que fazem parte do processo histórico e social de uma comunidade ou território (FLORES, 1998).

Dentro dessa perspectiva um itinerário cultural possui bens patrimoniais que podem ter a eles associados esses valores discutidos e tendo ações voltadas para seu reconhecimento regional, nacional ou internacional, irão ser elemento de apoio aos processos de integração a partir do patrimônio cultural impulsionando o desenvolvimento sustentável dos territórios (TASSARA et al., 2012).

Esta breve abordagem sobre desenvolvimento vinculado aos bens patrimoniais e aos itinerários culturais, bem como o resgate metodológico orienta as discussões aqui apresentadas. Ainda que de forma incipiente, a proposta deste Itinerário cultural segue as recomendações sugeridas. Além destes, se fez uso de revisão bibliográfica de diversos Itinerários a fim de compreender as diferentes ações realizadas em diferentes partes do mundo, dando preferência a as realizadas no continente latino americano, dado as suas especificidades.

No espaço em estudo, a erva mate marcou fortemente a trajetória histórica e econômica da região. Além de ser região endêmica, com registros já no século XVII, de que era uma região rica em ervais, este elemento marcou profundamente a região ao final do século XIX e princípios do XX, sendo o fator que desencadeou importante etapa de colonização do território.

Tendo em vista a classificação apresentada na Tabela 1, o itinerário cultural “Caminho para os Ervais”, se classifica em termos de dimensão territorial, a uma dimensão estadual (em especial na faixa de fronteira). A dimensão cultural mais ampla, que abrange diversas áreas, desde as regiões históricas de povos indígenas até os núcleos de colonizadores do século XX vindos do sul do Brasil. Além disto, é uma região de fronteira entre o Brasil e Paraguai, com contínuo processo de influências recíprocas entre os povos das duas nações. Na dimensão temporal se encontra em uso, mas sem a consciência histórica de seu uso ao longo dos séculos, dado os registros descritos em documentos do século XVII. Neste sentido, se faz necessário uma recuperação histórica detalhada do mesmo, explicando a comunidade a importância cultural deste trajeto/itinerário.

Na configuração espacial basicamente corresponde a uma configuração lineal, mas como tem uma grande extensão em algumas regiões se podem observar algumas

ramificações, um importante eixo que se pode descrever como em forma de cruz é o cruzamento entre o caminho e a antiga *Picada del Chiriguelo* na altura de Ponta Porã e *Pedro Juan Caballero*. Dito caminho, nesse ponto, nos leva até *Cerro Corá* onde finalizou a Guerra da Tríplice Aliança, recorda-se aqui que as últimas tropas do exército de Solano Lopez se retiraram pelo caminho seguindo a rota do itinerário cultural proposto até o Parque Nacional de Cerro Corá no Paraguai. Esse ponto histórico abre oportunidades para se desenvolver uma bifurcação binacional apta para um Itinerário cultural do Mercosul, no entanto, há dificuldades institucionais que precisam ser superadas. No marco geográfico pode-se afirmar que é um itinerário misto já que os rios Amambai e Iguatemi foram fundamentais no acesso ao território desde o rio Paraná. Mais ao norte o rio Miranda também descreve um papel importante conectando com o rio Paraguai.

A seguir apresentam-se algumas evidências da autenticidade histórica do itinerário proposto.

## AUTENTICIDADE HISTÓRICA DO ITINERÁRIO CAMINHO PARA OS ERVAIS

As pesquisas realizadas apontam que o trajeto do Itinerário cultural Caminho para os Ervais cumpre com o requisito de ter sido uma via de comunicação. Especificamente, este trajeto constituiu uma via de conexão entre o sul e o norte, ao longo dos séculos, entre as duas grandes bacias hidrográficas do Rio Paraná e Paraguai.

Há indícios de que durante a época pré-colonial o trajeto deste Itinerário fazia parte da rede de comunicação local sendo um ramal na direção Norte-Sul entre o caminho *Peabiru* que conectava o oceano Atlântico com o Pacífico. Sendo possível recorrer desde o rio da Prata até o interior do continente. São encontradas diversas versões para o significado deste seu nome. Os povos Tupies, Guaranis o chamavam de *Peabiru*, *Piabiru* ou *Piabiyu*, *Tapé Avirú* ou *Tape Aviju*, que significa “caminho” em guarani (*pia*, *bia*, *pe*, *bia*; *ybabia*: caminho que leva ao céu).

Tinha aproximadamente uns oito palmos de largura estando coberto por diversas espécies de gramíneas que impediam o crescimento de outras espécies vegetais, segundo se conta era utilizado pelos povos guaranis no seu caminho em busca do *Yvy Marae'y* ou *Tierra Sin Mal*. Para os espanhóis e portugueses essas rotas constituíam caminhos reais nos quais as coroas espanhola e portuguesa recorriam para conhecer e ampliar seus domínios. Os caminhos eram as rotas de entrada ao continente, segundo Gadelha (2013):

Inúmeros autores se debruçaram sobre o tema das bandeiras, ressaltando a comunicação e os contatos entre as populações pré-colombianas do Brasil e do Paraguai, através das trilhas do *Tape Aviru* ou *Piabiru Tupi-Guarani* – chamada Estrada Real pelos portugueses. No século XVI estas trilhas conduziam por terra e por rios, índios, missionários e colonizadores, desde São Vicente até Assunção e vice-versa. Sem falar na atração que exercia sobre os comerciantes, contrabandistas e aventureiros, atraídos pela prata de Potosi". (GADELHA, 2013, p. 7)

O caminho está localizado em um território que foi bastante disputado ao longo dos séculos entre os diferentes atores que se iam sucedendo. A sua situação geoestratégica permitia uma fácil circulação entre as bacias do Paraná e Paraguai entre diversos povos evitando a navegação pelos rios, que no período das chuvas tornava a navegação muito difícil como testemunham algumas crônicas da época. Assim mesmo, os ataques dos povos indígenas *Payaguas* que habitavam a parte superior do rio Paraguai faziam que outros povos evitassem circular pelo mesmo.

Voltando aos povos originários, estes eram os caminhos utilizados pelos indígenas sul-americanos desde épocas remotas. Pedro Lozano em sua obra "História da Conquista do Paraguai, Rio da Prata e Tucumán", no início do século XVIII o descreve da seguinte forma:

"Por esta provincia Tayaoba, junto às cabeceiras do Rio Piquiri corre el camiño nombrado por los guaraníes peabirú y por los españoles de Santo Tomé (...), y tiene ocho palmos de ancho, en cuyo espacio se le nace una yerba muy menuda que le distingue de toda la demás de los lados, que por la fertilidad crece a media vara, y aunque agostada la paja, se quemem los campos, nunca la yerba del dicho camiño se eleva más"

Corroborado por, Nicolas del Techo (1611-1685), que na obra "Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús" também descreve algumas das características específicas da cobertura vegetal nesse caminho: "*(conserva-se) igual todo el año, sin más que las yerbas crecen algo y difieren bastante de las que hay en el campo, ofreciendo el aspecto de una vía hecha con artificio; jamás la miran los misioneros del Guairá que no experimenten grande asombro*"

Não obstante, serão necessárias pesquisas de campo para determinar com fidelidade o roteiro original desse caminho em toda sua extensão, muito da paisagem original foi alterada pela agricultura extensiva assim como as estradas e caminhos que possivelmente coincidem com o antigo traçado. Os estudos de paleobotânica podem ser ferramentas importantes para se determinar a presença dessas espécies de gramíneas citadas acima.

Ademais, o resgate histórico aponta que o caminho permitia a circulação dos povos indígenas, mas também permitiu a entrada durante o período colonial de novas influências sobre o território. O caminho estava lá e era a melhor forma de circular por um território desconhecido e cheio de florestas.

Neste contexto, nas sucessivas levas de pessoas que circulavam e se assentavam ao longo do caminho, o consumo de erva mate, planta nativa da região, se difundiu e se tornou tradição perpetuada nos povos que iam entrando no território e adquirindo as tradições locais. Do mesmo modo muitos costumes, hábitos, tradições "forâneas" foram introduzidas ao longo do tempo, assim como músicas, bailes, gastronomia, entre outros.

De acordo com a Convenção da UNESCO de Salvaguarda do Patrimônio Cultural de 2003, o patrimônio cultural não se limita a monumentos e coleções de objetos, mas também inclui tradições vivas ou expressões herdadas de nossos ancestrais e transmitidas aos nossos descendentes, como tradições orais, artes cênicas, costumes sociais, rituais, eventos

festivos, conhecimentos e práticas, relacionados à natureza e ao universo, e conhecimentos e técnicas ligados ao artesanato tradicional (UNESCO, 2006).

Em específico, no caso dos itinerários são mais que um monumento ou um lugar concreto. Como destaca UNESCO são uma proposta mais abrangente que inter-relaciona bens culturais diversificados sincronizados entre si pelos vasos comunicantes da própria rota física. Um itinerário cultural permite observar esses costumes, tradições, transmitidas ao longo do tempo.

Nesta proposta de itinerário é possível observar que coexiste a tradição ancestral indígena do consumo da erva mate, na forma de tereré e mate, como consta nos registros de Pedro de Montenegro em 1711. Ademais, somam-se a essa tradição, o uso dos tradicionais “yuyus” (ervas medicinais utilizadas na infusão com erva mate).

Do mesmo modo, é evidente a incorporação de tradições espanholas que impregnaram a cultura paraguaia e uma cultura mestiça que incorporou elementos provenientes de diversas culturas indígenas, paraguaia e brasileira. Esse processo de interação dinâmico, são vivenciados no espaço de fronteira entre Brasil e Paraguai nos dias atuais, marcado por extensa faixa de fronteira, que em muitos momentos se confunde com o próprio traçado do itinerário.

A análise dos documentos cartográficos, oriundos da primeira comissão de limites, do espanhol Andrés de Oyarvide e do português José Custodio de Sáa e Faria (1759) indicam a presença desse itinerário que servia como caminho de entrada ao território. O arquivo disponível no Museu da Marinha de Madri, apresenta uma série de mapas em que é possível observar essa rota que aqui proposta como trajeto do itinerário cultural Caminho para os Ervais. Alguns destes arquivos são apresentados abaixo, embora seja uma pesquisa ainda em construção o traçado é bastante evidente, como se observa nas Figuras de 2 a 7.



Figura 2. BVPB (2010a) Detalhe do “Plano del Virreinato de Buenos Aires en el qual se halla remarcada la linea divisoria y los marcos que en ella se pusieron desde Castillos en la Costa del marhta la bsoca del Jaury por la 2a 3a y 4a Partida de la demarcacn de 1759 / yan debio ser trazado este mapa con areglo a los elementos y noticias que adquirieron en aquel entonces estos demarcadores y





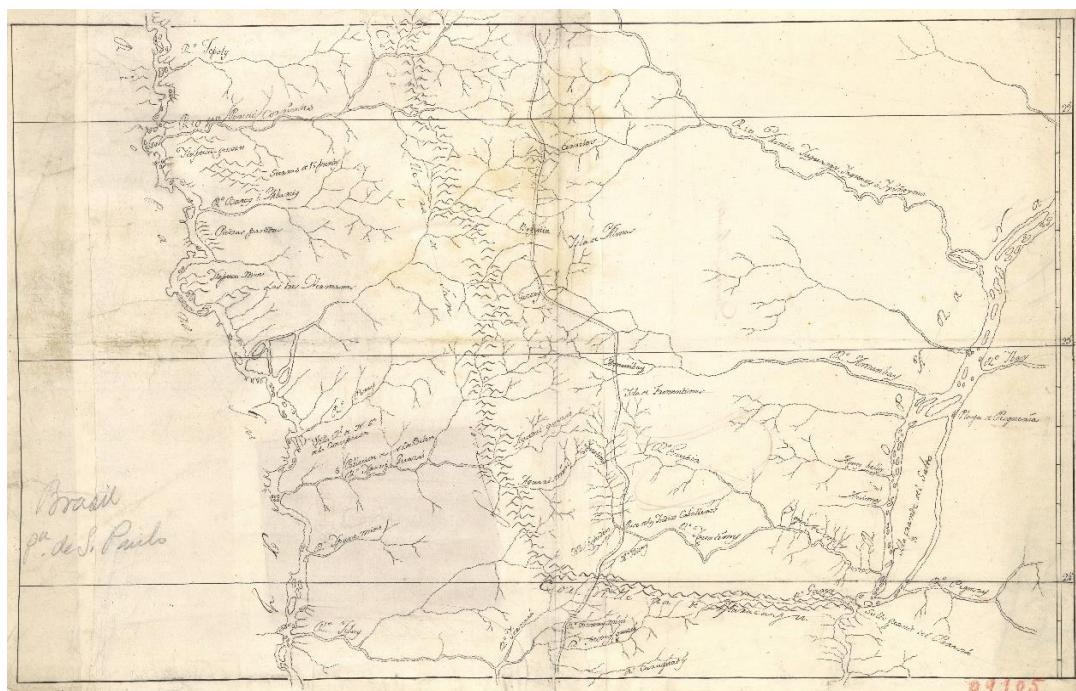


Figura 4. BVPB (2010c) Provincia de Sao Paulo. Título tomado de anotaciones en el mapa. Al verso, "División de límites". Pertenece a los planos levantados por la Comisión de Límites del Sur del Brasil. <<http://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=434417>> consultado em Internet 20/06/2018

O terceiro mapa que faz parte da mesma coleção (figura 4) podemos observar claramente o caminho que recorre paralelo a Serra de Amambay. Também é possível observar diversos detalhes como Amambay indicado no caminho. Possivelmente seja o mesmo lugar, ou nas suas proximidades onde atualmente se encontra o município de Amambai no Mato Grosso do Sul. Todos estes documentos reforçam a tese de essa primitiva rota terrestre entre as bacias do Paraná e Paraguai.

Assim mesmo, é possível ver a descrição do caminho em documentos escritos como a carta de Manuel Antônio De Flores, dirigida ao Marques de Valdelirios, escrita em Buenos Aires, em 14 de Agosto de 1756. Se descreve com bastantes detalhes desse caminho real e como era utilizado na época.

“No ha muchos años que hicieron este viaje los Paulistas corsarios de Indios subiendo por el rio de Amambay, en el que hallaron, antes de llegar á su interseccion con el camino real, dichos saltos y arrecifes que salvaron por tierra; y guiados del mismo camino, llegaron á los términos de Curuguatí, de donde se volvieron sin hacer cosa notable. Pueden tambien del Paraná subir por el rio Igatimí, que es el término de la linea y el mas inmediato a Curuguatí, hasta encontrar con el mismo camino real. La escuadra de trece canoas grandes que desde San Pablo vino á este paso para conducirnos al Salto Grande del Paraná, tardó en este viaje 81 dias, como se ve en el diario de la demarcacion. Tiempo antes lo habian hecho



los Paulistas de quienes se habló anteriormente que no queriendo entrar por el Amambay, que ya conocian, subieron por Gatimí, venciendo con bastante trabajo, los arrecifes que por espacio de 7 leguas tiene, y de que se dió noticia en el diario ya citado. Hicieron por tierra el camino que les faltaba para llegar á los términos de Curuguatí y se establecieron en una campiña, que conocen los vecinos bajo del nombre de la Tapera de los Portugueses. Sembraron algunas semillas y se mantuvieron allí, hasta que, recelosos de una corrida de gente que mandó hacer el gobernador del Paraguay para desalojarlos con noticia que tuvo de su establecimiento, huyeron á sus canoas, y se volrieron sin haber parecido mas. Despues de esta expulsión, salen por órden de la Corte todos los años los vecinos ó milicias de Curuguatí, á reconocer las campañas, para impedir á los Portugueses que se establezcan en estos términos, que hasta la determinación de la Frontera por el tratado de límites, han tenido por indefinidos, y será muy conveniente que continúe en dicha práctica para que vean la raya, que conocen bien aquellos vecinos: porque á este fin saqué cincuenta de los principales, que me acompañaron y sirvieron de escolta en mis viajes para la demarcacion.

53 - El camino real por donde hacen los Curuguatines estas corridas, alcanza hasta las inmediaciones de Camapuán, y aunque nunca llegaron á este sitio despues que los Portugueses se poblaron en él, pero anduvieron tan cerca que en varias ocasiones llegaron á ver los humos que creyeron fuesen de los indios montarases, ignorando que pudiesen los Portugueses tener establecimiento en aquel paraje tan inmediato. Por esto se vé que subiendo por el Rio Pardo á Camapuán como lo hacen hoy en su navegacion á Cuyabá, pueden por el mismo camino real ó por otro nuevo que pueden abrir con el tiempo, venir por tierra á Curuguatí: y en otros casos harán el viaja con mas ó menos brevedad, segun el Rio que tomen, avios y disposiciones que tengan.” (DE ANGELIS, 1836, p. 24,25)

Para finalizar esta breve aproximação histórica do Itinerário nos encontramos com os materiais levantados já no século XIX pela última comissão de limites depois da guerra da tríplice Aliança entre os comissários do Brasil e Paraguai. No mapa do Mato Grosso de 1876 *“Croquis da parte da Província de Matto Grosso imediata aos limites com a República do Paraguay projectada para melhor intelligência de uma exposição que o acompanha”* descreve detalhadamente toda uma rede de caminhos que faz parte da nossa proposta de trabalho.

Esses caminhos foram usados para a exploração de erva mate ao final do século XIX e princípios do XX também servindo como rota de entrada das novas levas de colonos provenientes do sul do Brasil que se assentavam no território.



Figura 5. BNDIGITAL (2012) CROQUIS da parte da Província de Matto Grosso imediata aos limites com a República do Paraguay projectada para melhor intelligência de uma exposição que o acompanha. 1876. 1 mapa ms, col, 48,5 x 85cm em folha de 52 x 89. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart249890/cart249890.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249890/cart249890.html)>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Em esse mapa nos permite observar toda a rede de caminhos que utilizamos para definir nossa proposta do Itinerário cultural Caminho para os ervais. De fato, o próprio nome do projeto e do Itinerário Caminho para os ervais, sai de este mapa como se pode observar nas figuras 6 e 7. Já em 1876 existia uma rede de caminhos que eram utilizados para a extração da Erva Mate. Alguns dos pontos descritos em esse mapa são os núcleos urbanos dos atuais municípios do Estado do Mato Grosso do Sul. Com este mapa se pode ajustar para determinar que partes de esses caminhos coincidem com a atual malha rodoviária.

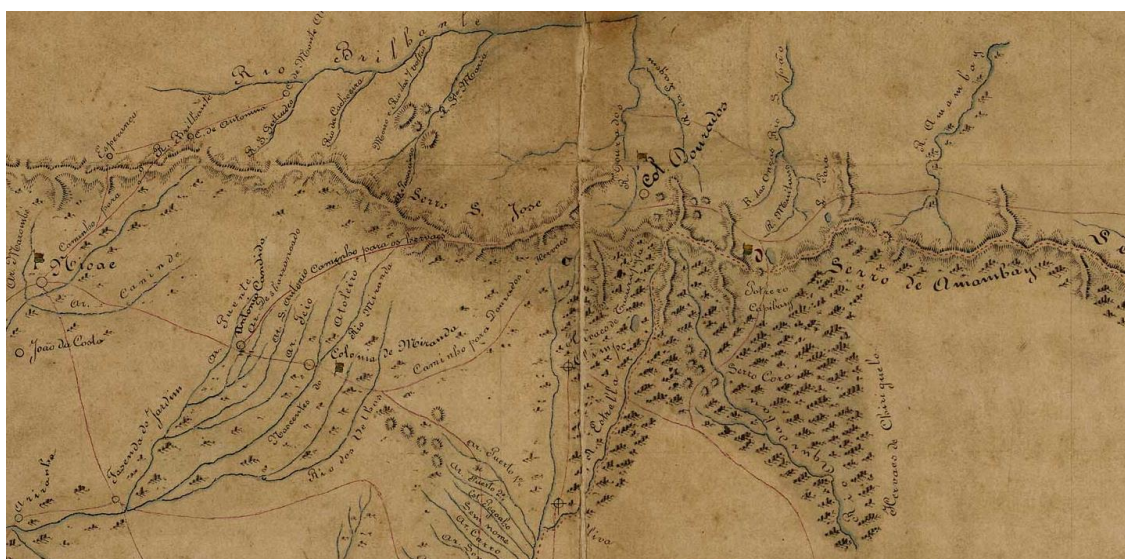




Figura 6. Detalhe do mapa CROQUIS da parte da Província de Matto Grosso imediata aos limites com a República do Paraguay projectada para melhor intelligência de uma exposição que o acompanha. 1876. 1 mapa ms, col, 48,5 x 85cm em folha de 52 x 89. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart249890/cart249890.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249890/cart249890.html)>. Acesso em: 22 jun. 2018.



Figura 7. Detalhe do mapa CROQUIS da parte da Província de Matto Grosso imediata aos limites com a República do Paraguay projectada para melhor intelligência de uma exposição que o acompanha. 1876. 1 mapa ms, col, 48,5 x 85cm em folha de 52 x 89. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart249890/cart249890.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249890/cart249890.html)>. Acesso em: 22 jun. 2018.

## BREVE DIAGNOSTICO SOCIOECONÔMICO DOS MUNICÍPIOS DO CAMINHO PARA OS ERVAIS

Os municípios localizados na região de abrangência do caminho para os ervais são economicamente heterogêneos. Isso se evidencia quando se realiza o ordenamento destes pelo montante do Produto Interno Bruto (ano 2015) o que permite observar municípios que se classificam entre primeiras economias do estado (Dourados (3<sup>a</sup>) e Ponta Porã (5<sup>a</sup>), Maracajú (6<sup>a</sup>)) ao passo que outros se classificam nas últimas posições (Coronel Sapucaia (63<sup>a</sup>), Juti (65<sup>a</sup>), Paranhos (70<sup>a</sup>) e Japorã (79<sup>a</sup>).

A Figura 8 abaixo evidencia que os municípios da fronteira sul são os mais deprimidos economicamente, pois se classificam nos quantis de menor valor agregado.

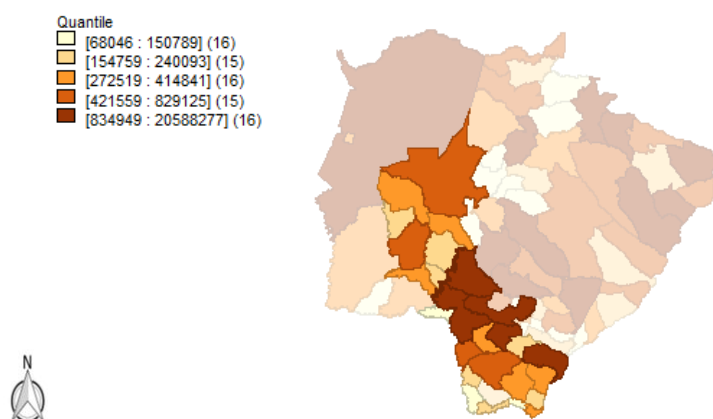


Figura 8 – Valor Adicionado Municipal – ano base 2015

Fonte: SEMAGRO, 2018

A densidade populacional de MS como dito anteriormente é considerada baixa, fato agravado pelo modelo de produção baseado em grandes propriedades. A população é predominantemente urbana. A Figura 9 abaixo apresenta a taxa de crescimento populacional. É possível observar que nos municípios que compõe o itinerário as maiores taxas de crescimento populacional ocorreram nos municípios de maior potencialidade econômica.

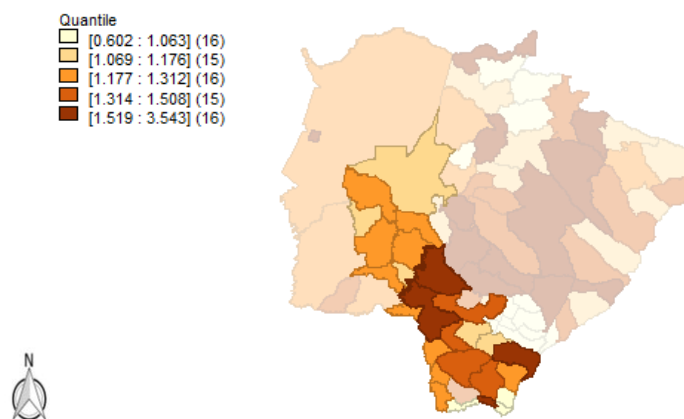


Figura 9 – Taxa de Crescimento Populacional 2010/1991

Fonte: PNUD, 2013

A região que corresponde ao itinerário, especialmente nos municípios da fronteira sul do estado registra elevado índice de pobreza. A figura 10 (abaixo) apresenta a taxa de crescimento da proporção dos indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais. Observa-se que há um padrão de concentração dos municípios no quantil de maior

taxa de crescimento, o que reforça a ideia de que esses municípios se localizam num espaço economicamente deprimido, com elevada vulnerabilidade e pobreza.

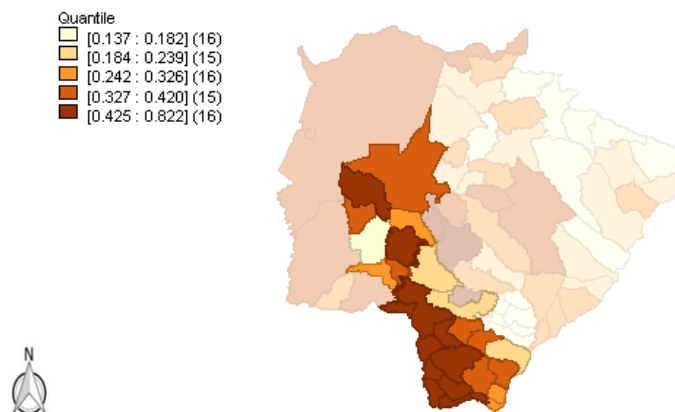


Figura 10: Taxa de crescimento da Proporção de pobres 2010/1991

Fonte: PNUD, 2013

Quando se analisa a evolução nos Índices de Desenvolvimento Humano Municipal, observa-se que para o ano de 1991, no quantil com os menores índices regista-se a presença de quatro municípios itinerário (Coronel Sapucaia, Japorã, Paranhos, Sete Quedas, Tacuru). Por sua vez, a análise com os dados para 2010 aponta que no quantil de menor IDHM estão oito municípios do Caminho para os Ervais (Bonito, Coronel Sapucaia, Japorã, Miranda, Nioaque, Paranhos, Sete Quedas, Tacuru). Vale ressaltar que não é viável uma análise relativa direta entre os períodos, pois os quantis possuem intervalos diferentes. Contudo, se observa pela análise dos valores absolutos que há uma evolução nos índices de desenvolvimento, porém é evidente uma concentração dos municípios do itinerário nas faixas de menor Índice.

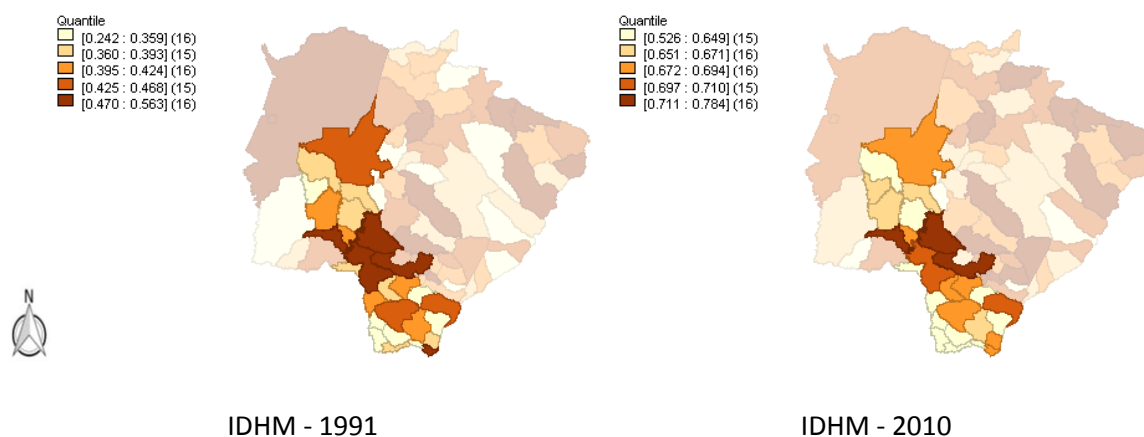


Figura 11: Evolução nos Índices de Desenvolvimento Humano Municipal – IDH-M 1991 e 2010

Fonte: PNUD, 2013

A Figura 12 apresenta o Índice de Gini, que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Novamente a análise nos dois pontos do tempo refletem uma concentração em 2010 dos municípios que compõe o itinerário do caminho para os ervais nos quantis de maior valor deste índice, o que indica uma predominância de desigualdade

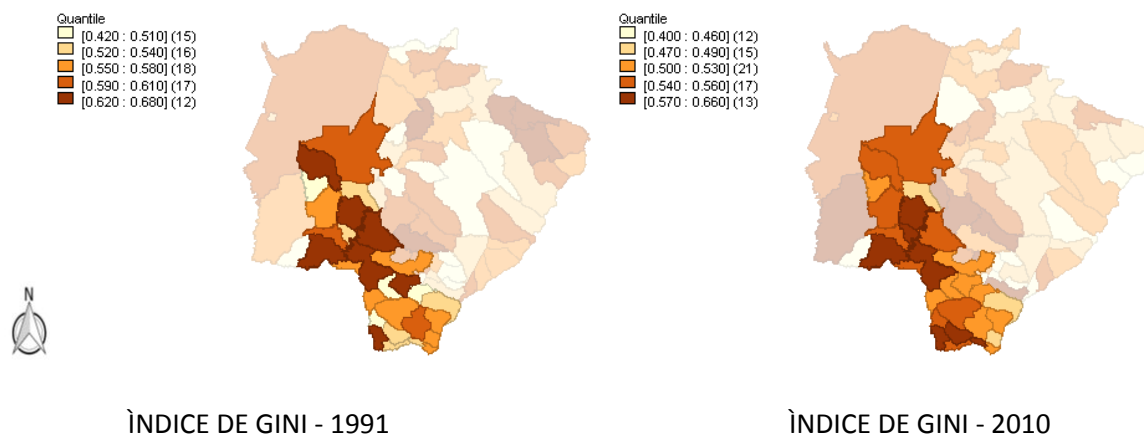


Figura 12: Evolução nos Índice de Gini 1991 e 2010

Fonte: PNUD, 2013

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Itinerário Cultural “Caminho para os Ervais” é uma proposta baseada em uma pesquisa cartográfica histórica e documental e que pode ser um instrumento importante



para propiciar o desenvolvimento de uma região sabidamente deprimida, o que foi constatado no diagnóstico socioeconômico dos municípios que fazem parte do caminho.

Uma região com um modelo de produção baseado em grandes propriedades rurais apresenta em alguns municípios um elevado PIB, mas associa uma elevada concentração de renda e somado a isso, um elevado índice de pobreza, principalmente, nos municípios da fronteira-sul do estado de Mato Grosso do Sul. Frente a isso, os elementos históricos e culturais podem vir a ser catalogados em um levantamento patrimonial que possa dar oportunidade em criar formas alternativas de ganhos para as populações de diversas etnias residentes, contribuindo, não só com a questão socioeconômica, mas também no sentimento de pertença à região, que acarreta na melhoria da qualidade de vida, por fazer o indivíduo ou coletivo ter identidade com o território. Neste tocante, o Itinerário Cultural “Caminho para os Ervais” pode ser um instrumento para o desenvolvimento do território e de desconcentração de renda, atingindo as diversas etnias locais, indígenas ou não.

Este estudo é inicial, e tem suas limitações, é importante que para concretizar o que se pretende que sejam realizadas pesquisas no âmbito de levantar e catalogar os bens patrimoniais ao longo do caminho, tanto materiais como imateriais. Pesquisas documentais para um melhor conhecimento do território se fazem importantes, pois é possível encontrar nessas, vestígios do passado, que podem de alguma forma ou de outra vir a fazer parte do Itinerário Cultural “Caminho para os Ervais”.

## REFERÊNCIAS

- AICS (2016) GUÍA METODOLÓGICA PARA LA ELABORACIÓN DE ITINERARIOS CULTURALES. Programa de Asistencia Técnica al Ministerio de Culturas y Turismo – II Fase - Editado por Renzo Carlucci y Simona Piras en el marco del Programa de Asistencia Técnica al Ministerio del Culturas y Turismo de Bolivia, financiado e implementado por la AICS - Agenzia Italiana per la Cooperazione allo Sviluppo. Agenzia Italiana de Cooperación al Desarrollo. Disponível em: <<http://tucuna.info/images/manuales/10-GuiaMetodologicaltinerariosCulturales-27.06.17.pdf>> consultado em Internet 18/06/2018
- BNDIGITAL (2012) CROQUIS da parte da Província de Matto Grosso imediata aos limites com a República do Paraguay projectada para melhor intelligência de uma exposição que o acompanha. 1876. 1 mapa ms, col, 48,5 x 85cm em folha de 52 x 89. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart249890/cart249890.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249890/cart249890.html)>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- BVPB (2010a) Detallhe do “Plano del Virreinato de Buenos aires en el qual se halla remarcada la linea divisoria y los marcos que en ella se pusieron desde Castillos en la Costa del mar hta la bsoca del Jaury por la 2a 3a y 4a Partida de la demarcacn de 1759 / yan debio ser trazado este mapa con areglo a los elementos y noticias que adquirieron en aquel entonces estos demarcadores y las partes por donde hizieron sus viajes como el Parana, Paraguay, Igatimi seran particularmente designadas con bastante esxactitud haviendo estado empleado el dho Custodiado por parte de Portugal en la expresada demarcación ; copiado en 1801 para Hidrográfico de Madrid” Biblioteca Virtual del

- Património Bibliográfico. Disponível em:  
<<http://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=434612>> consultado em Internet  
2/06/2018
- BVPB (2010b) Provincia de Mato Grosso (17--?) - Sáa y Faria, José Custodio de, m. 1792.  
Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico. Disponível em: <  
<http://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=434419>> consultado em Internet  
9/06/2018
- BVPB (2010c) Provincia de Sao Paulo. Título tomado de anotaciones en el mapa. Al verso,  
"División de límites". Pertenece a los planos levantados por la Comisión de Límites del Sur  
del Brasil. Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico. Disponível em:  
<<http://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=434417>> consultado em Internet  
20/06/2018
- CARREÑO, A. M. . Itinerarios culturales y patrimonio mundial, USMP, Universidad de San  
Martín de Porres, Fondo Editorial, 2010.
- CARVALHO, P. Património cultural, ordenamento e desenvolvimento: uma nova visão e  
valorização do território. Cadernos de Geografia. n. 24/25. Coimbra, Portugal, 2005/2006.
- DE ANGELIS, Pedro (1836) Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y  
moderna de las provincias del Rio de la Plata, ilustrados con notas y disertaciones. Tomo  
IV BUENOS - AIRES. IMPRENTA DEL ESTADO.
- FISCHER, T. Gestão Social do Desenvolvimento de Territórios. Rev. Psicol. Organ. Trab. v.12,  
n.1. Florianópolis. Abr. 2012
- FLORES, J. Património. Do monumento ao território. Urbanidade e Património. Lisboa,  
IGAPHE, p.11-18, 1998.
- GADELHA, R. M. (2013) Jesuítas portugueses no Paraná: uma contribuição para a história da  
expansão territorial do Brasil. Portuguese Jesuits in Parana: A historical contribution to  
the study of the territorial expansion of Brazil. IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica  
ISSN: 2314-3908 vol. 1 nº 1
- IBGE (2010) Censo 2010. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/>> consultado em  
Internet 12/06/2018
- ICOMOS (2008) Carta Dos Itinerários Culturais. Elaborada pelo Comité Científico  
Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS, ratificada pela 16ª Assembleia  
Geral do ICOMOS, em 4 de Outubro de 2008, no Québec, Canadá. Disponível em: <  
[http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/ICOMOSPortugalCartaltinerariosCult  
urais.doc](http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/ICOMOSPortugalCartaltinerariosCult<br/>urais.doc)> consultado em Internet 08/06/2018
- IPHAN (2009) ANTEPROYECTO DE ITINERARIOS CULTURALES DEL MERCOSUR Salvador,  
Bahia, Brasil, nos dias 23 e 24 de janeiro de 2009. Realizada sob os auspícios do Instituto

de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:  
<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Anteprojeto\\_itinerarios\\_culturais\\_mercosul\\_portugues.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Anteprojeto_itinerarios_culturais_mercosul_portugues.pdf)> Acesso em: 13/06/2018

LOZANO, Pedro (1697-1752) (1875) Historia de la conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán. Editor: Casa Editora "Imprenta Popular" Fecha de pub.:1873-1875 Páginas:5 v. (CXLVIII, 468 ; 396 ; 570 ; 489 ; 364 p.)

MARTORELL, A. LOS ITINERARIOS CULTURALES COMO CATEGORÍA DEL PATRIMONIO CULTURAL: SU IMPORTANCIA COMO FUENTE DE PROYECTOS MULTINACIONALES DE DESARROLLO. Alberto Martorell Carreño. Vicepresidente de ICLAFI-ICOMOS y de ICOMOS-Perú. Disponível em:  
<[https://www.oei.es/historico/euroamericano/ponencias\\_patrimonio\\_itinerarios.php](https://www.oei.es/historico/euroamericano/ponencias_patrimonio_itinerarios.php)> consultado o 21/06/2018

SEMAGRO – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar, Produto Interno Bruto dos Municípios de Mato Grosso do Sul – 2010-2015, 2017.

SILVA, E. P. Patrimônio e identidade: os desafios do turismo cultural. Antropologicas. n.4, p 217-224, Porto, Portugal, 2000.

TASSARA, E. et al. Itinerário Cultural das Missões jesuíticas Guaranis, Moxos e Chiquitos no MERCOSUL. Projeto de Fortalecimento Institucional. Brasília, novembro, 2012.

TECHO, Nicolás del (1897) Historia de la provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús por el P. Nicolás del Techo (1611-1685) ; versión del texto latino por Manuel Serrano y Sanz ; con un prólogo de Blas Garay. Madrid Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía. 5 Volumes. Disponível em: <<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000140430>> consultado em Internet 10/06/2018

UNESCO (2006) CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL Paris, 17 de outubro de 2003. Documento originalmente publicado pela UNESCO sobre o título Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, Paris, 17 October 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>> Acesso em: 23/06/2018

UNESCO. 2º Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade e no diálogo intercultural. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura 7 place de Fontenoy 75007 Paris, France, 2009